

---

# Oficinas de voz: reflexão sobre a prática fonoaudiológica

Ana Carolina de Assis Moura Ghirardi\*

Léslie Piccolotto Ferreira\*\*

## Resumo

*Esta comunicação busca refletir sobre o uso de oficinas como um recurso utilizado por fonoaudiólogos que trabalham na área de voz. Servirão de base para esta reflexão dados de uma pesquisa inédita, realizada pelas autoras, com fonoaudiólogos especialistas em voz, que utilizam a oficina como uma de suas formas de abordagem com sujeitos de diferentes faixas etárias e demandas vocais. 60 sujeitos responderam a um questionário composto de oito questões de múltipla escolha. Os dados foram analisados de forma quantitativa e descritiva, e servem de base para as discussões e reflexões apresentadas nesta comunicação. De acordo com os relatos dos fonoaudiólogos que responderam ao questionário enviado, a prática de oficinas na área de voz vem privilegiando a prevenção de alterações vocais, e também a promoção de saúde, ao buscar o bem estar vocal e expressividade, primordialmente de adultos profissionais da voz. Acredita-se que o fonoaudiólogo precisa refletir sobre a prática das oficinas como um processo de educação em saúde, e entender que os seus objetivos devem coincidir com a necessidade de transformação.*

**Palavras-chave:** voz, treinamento da voz, trabalho, docentes, fonoaudiologia.

## Abstract

*This communication intends to reflect upon the use of workshops as a resource used by Speech-Language Pathologists who work in the field of vocal care. The basis for this reflection will be the data resulting from an original survey with voice specialists who use workshops as one of their speech-therapeutic approaches, with subjects of different ages and vocal demands. 60 Speech-Language Pathologists answered a survey containing eight multiple-choice questions. The data was analyzed quantitatively and descriptively, and provide the base for the discussions and reflections presented in this paper. According to the participating Speech-Language Pathologists, workshops in the vocal care field has been emphasizing prevention of voice disorders, and also health promotion, aiming towards vocal well-being and expressiveness, mainly among adult voice professionals. It is believed that the Speech-Language Pathologist needs to reflect upon the idea of workshops as a process of health education, and understand that its objectives should coincide with a need for change.*

**Keywords:** voice, voice training, work, faculty, speech, language and hearing sciences.

---

\* Fonoaudióloga, Especialista em voz pela PUC-SP/COGEAE. Mestre em Fonoaudiologia pelo programa de Estudos Pós Graduated em Fonoaudiologia da PUC-SP. Doutoranda no Programa de Estudos Pós Graduated em Fonoaudiologia da PUC-SP.

\*\* Fonoaudióloga, Doutora em Distúrbios da Comunicação Humana pela UNIFESP-EPM; Professora Titular do Departamento de Fundamentos da Fonoaudiologia e da Fisioterapia da PUC-SP; Coordenadora e docente do Curso de Especialização em Fonoaudiologia –Voz – PUC-SP/COGEAE

## Resumen

*Esta comunicación busca pensar sobre el uso de oficinas como un recurso utilizado por fonoaudiólogos que trabajan en la área de la voz. La base para esta reflexión serán datos de una pesquisa inédita, realizada por las autoras, con fonoaudiólogos especialistas en voz, que utilizan la oficina como una de sus formas de abordaje con sujetos de diferentes edades y demandas vocales. 60 fonoaudiólogos respondieron a un cuestionario con ocho preguntas. Los datos fueron analizados de forma cuantitativa y descriptiva, y sirvieron de base para las discusiones y reflexiones presentadas en esta comunicación. Según los relatos de los fonoaudiólogos que respondieron al cuestionario, la práctica de oficinas de voz privilegia la prevención de alteraciones vocales, y también la promoción de salud, cuando busca el bien-estar vocal y la expresividad, principalmente de adultos profesionales de la voz. Se acredita que el fonoaudiólogo necesita pensar sobre la práctica de oficinas como un proceso de educación en salud, y entender que sus objetivos deben coincidir con la necesidad de transformación.*

**Palabras clave:** voz, entrenamiento de la voz, trabajo, docentes, fonoaudiología.

## Introdução

Esta comunicação busca refletir sobre o uso de oficinas como um recurso utilizado por fonoaudiólogos que trabalham na área de voz. Servirão de base para essa reflexão dados de uma pesquisa inédita, realizada pelas autoras, com fonoaudiólogos especialistas em voz, que utilizam a oficina como uma de suas formas de abordagem com sujeitos de diferentes faixas etárias e demandas vocais.

Sabe-se que os profissionais da área de reabilitação, sobretudo os não médicos, regidos pela definição de saúde da Organização Mundial da Saúde (WHO, 1948) buscam tornar o atendimento aos sujeitos cada vez mais flexível, e direcionam assim um olhar numa perspectiva mais abrangente. Espaços diversos têm sido discutidos, diferentes daqueles tradicionais da área da saúde. Os profissionais da área da reabilitação, entre eles o fonoaudiólogo, vêm deixando de lado o *setting* tradicional e começam a atuar a partir do lugar de alguém que constrói um processo voltado à inclusão social, considerando as necessidades e desejos de sujeitos singulares (Ghirardi, 1999).

Dentre os dispositivos utilizados, a partir desse movimento, encontram-se as Oficinas. Essas foram iniciadas com o nome de Oficinas Protegidas (ou Abrigadas) de Trabalho, constituindo-se em estabelecimentos em que os sujeitos teriam o treino necessário para poder atuar em seguida profissionalmente. Dessa forma, estiveram presentes inicialmente em ações terapêuticas de transtornos mentais, como estratégia de inclusão dos indivíduos na sociedade e na família (Galletti, 2004).

Hoje as oficinas se fazem presentes em diferentes atuações, com diversos profissionais e sujeitos. Na sua maioria buscam unir saúde, convívio social e cultura, e transformam o conceito de saúde, assim como os conceitos de sanidade, qualidade de vida e inclusão. De acordo com Souza Neto (2005), as oficinas seriam lugares em que se deve encontrar a matéria-prima que irá ser trabalhada, para desempenhar um determinado ofício. A voz é considerada matéria-prima para o trabalho de diversos profissionais, entre eles: professores, teleoperadores, atores, vendedores, entre muitos outros. Dessa forma, a Fonoaudiologia se insere na atenção a esses sujeitos, considerando que sua saúde depende também de um bom desempenho no trabalho, conseguindo utilizar todos os recursos necessários para o melhor cumprimento de suas funções.

Na análise de diferentes profissões da saúde percebe-se que as oficinas têm se mostrado como um espaço de construção diversa, e consequentemente com certa indefinição terminológica.

Ao falar sobre a Fonoaudiologia, pode-se dizer que seus primórdios no atendimento ao distúrbio de voz, foram marcados por um trabalho quase que exclusivamente terapêutico e individual. Ao utilizar estratégias terapêuticas na sua maioria advindas das artes – teatro e música, mais especificamente – a preocupação esteve centrada em princípios da Medicina, em que a “cura” dos distúrbios era a meta de todos os terapeutas (Ferreira, 2004).

Aos poucos, o fonoaudiólogo foi chamado para realizar outros tipos de intervenção, momento em que se depara com a necessidade de planejar

ações que diferem, pelos seus princípios e métodos, daquelas inicialmente abordadas.

Nesse momento, um olhar mais preventivo para os distúrbios vocais é disparado por vários aspectos: pela aprovação de alguns projetos de leis que pretendem garantir o bem-estar vocal principalmente dos professores (Ferreira et al. 2009); por empresas que solicitam o denominado “treinamento vocal”, principalmente realizado com teleoperadores (Ferreira et al, 2008); e ainda pelas Campanhas da Voz, organizadas pela Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia (Penteado, et al, 2002). Mais recentemente, com sua inserção mais efetiva junto ao serviço público, o fonoaudiólogo foi chamado ainda para, em equipe, participar de ações de promoção de saúde (Vilela e Ferreira, 2006). O trabalho junto aos denominados “profissionais da voz” também determinou diferentes formas de intervenção, individual ou em grupo, com caráter ora mais terapêutico ora mais educativo. (Ferreira e Chieppe, 2005).

Em função dessas novas possibilidades de intervenção, surgem então as oficinas. Em obra que reúne varias experiências de natureza diversa (Ferreira e Andrada e Silva, 2002), pode-se evidenciar que algumas iniciativas educativas, ao fazer uso da denominação “oficina”, provavelmente pretendem evidenciar a diferença dessa modalidade e a de palestra, uma vez que as oficinas incluem práticas corporais e vocais, junto aos participantes. Mais recentemente essas práticas têm contemplado também aspectos relacionados à expressividade oral ou corporal (Ferreira, 2004).

O próprio Departamento de Voz da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia ([www.sbfa.org.br](http://www.sbfa.org.br)) tem recomendado nas últimas Campanhas de Voz que o “foco das ações seja a realização de oficinas para atingir a comunidade em seus locais como escolas, asilos, creches, parques, centros de convivência, enfim, espaços públicos nos quais possam ser desenvolvidos grupos de vivências voltadas à promoção da saúde vocal e da expressividade da voz”.

## A Proposta

Apesar de ser um recurso cada vez mais utilizado, até o momento não se tem na área uma definição

sobre o que vem a ser oficina para o fonoaudiólogo. Talvez uma análise de como essas oficinas têm acontecido, particularmente na área de voz, possa melhor instrumentalizar esse fazer.

Nessa direção, foi realizada uma pesquisa com fonoaudiólogos especialistas em voz que declararam utilizar a oficina como recurso de trabalho, com o objetivo de caracterizar o que vem a ser oficina na área da voz, segundo os relatos desses profissionais.

Para tanto, os integrantes de uma lista de discussão na área de voz foram convidados a participar desta pesquisa. No convite foi solicitado que retornassem aqueles que tinham experiência na atuação com oficinas na área de voz.

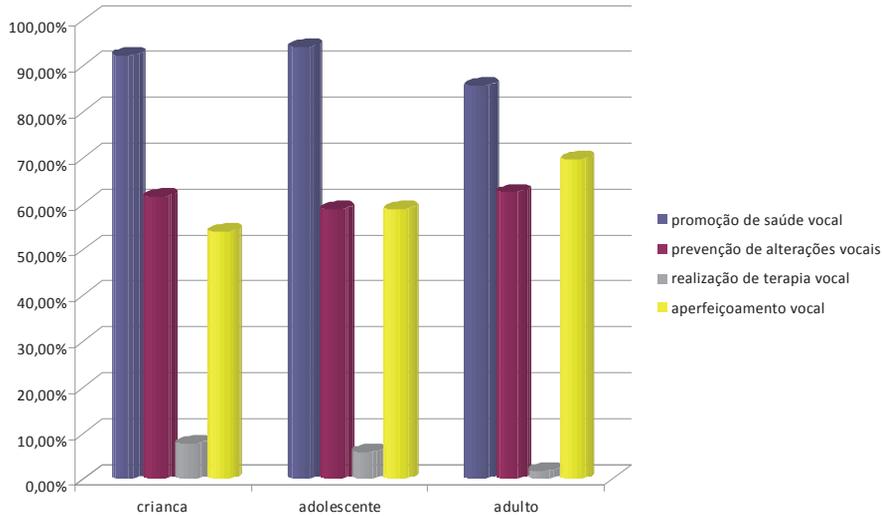
Aos fonoaudiólogos que retornaram o aceite ao convite, foi enviado questionário com oito perguntas, com proposta de levantar dados sobre: objetivo da oficina, público-alvo, número médio de participantes, tempo médio de duração dos encontros e as atividades desenvolvidas. Tais questões foram elaboradas a partir das propostas apresentadas na obra de Ferreira e Andrada e Silva (2002).

Os participantes foram instruídos a ler cuidadosamente as questões e assinalar com um “x” os campos pertinentes à sua atuação, e a preencherem livremente os campos referentes aos dados de número de participantes, número de encontros e duração média dos mesmos em minutos. O participante poderia assinalar todas as opções que julgasse pertinentes à sua prática de oficina, contidas em qualquer um dos tópicos.

## Resultados

Houve um retorno de 60 questionários respondidos, e todos foram incluídos na análise dos dados. As respostas foram provenientes de todas as regiões do país, fazendo com que a coleta de dados abrangesse diferentes realidades.

Observou-se então que 52 (87%) sujeitos referiram que o objetivo da oficina é a promoção de saúde vocal. Observa-se ainda que 41 (68%) fonoaudiólogos referem que a oficina tem o objetivo de prevenir alterações vocais, e os mesmos 41 (68%) acreditam que o aperfeiçoamento vocal também esteja dentre os objetivos dessa prática. Apenas um sujeito referiu se valer do formato de oficina para realização de terapia vocal.

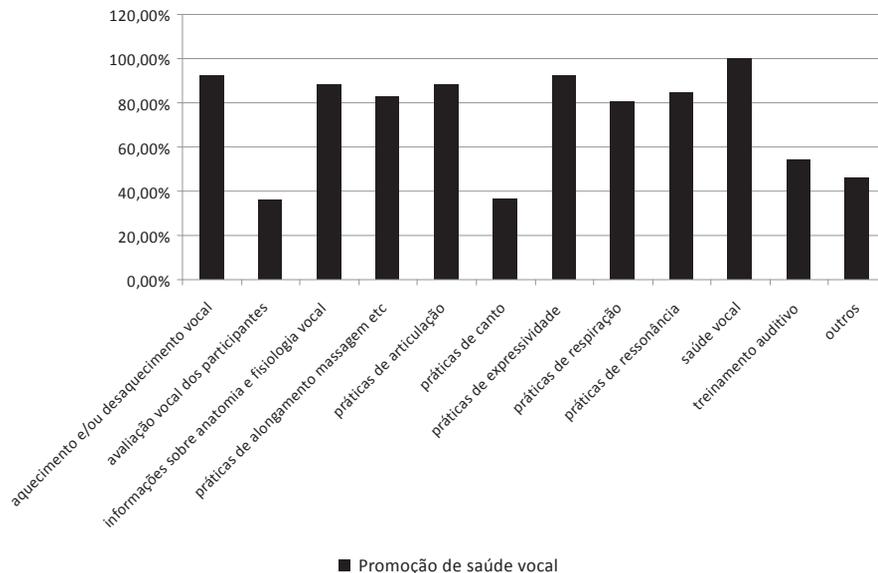


**Figura 1 – Distribuição dos sujeitos segundo faixa etária de atendimento e objetivos**

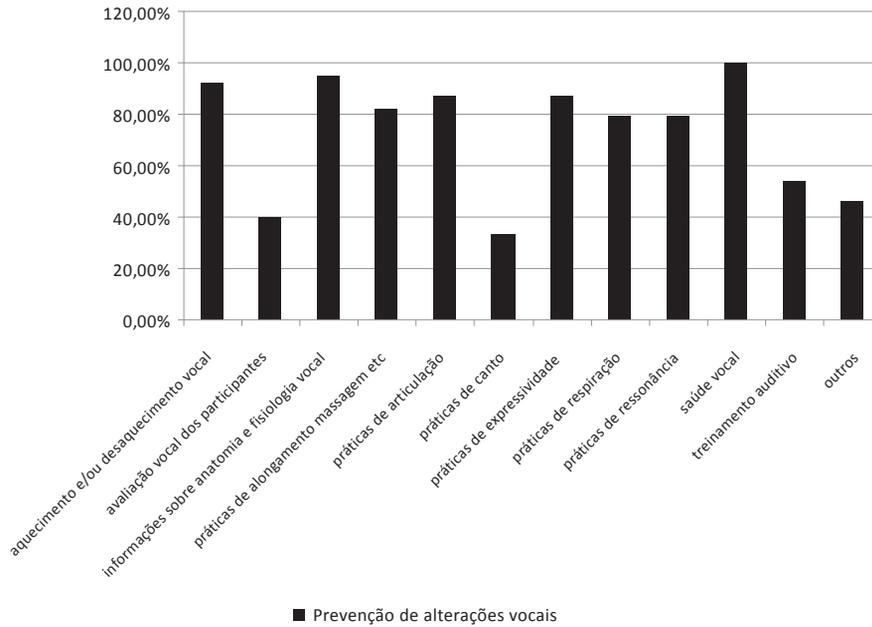
Observa-se na Figura 1 que em todas as faixas etárias, o objetivo principal das oficinas de voz é a promoção de bem-estar vocal, seguida da prevenção de alterações e aprimoramento vocal dos participantes.

O número médio de participantes é de 16 pessoas por encontro (mínimo 3, máximo 50), e média de cinco encontros (mínimo um, máximo 14) com duração média de 115 minutos (mínimo 50, máximo 240).

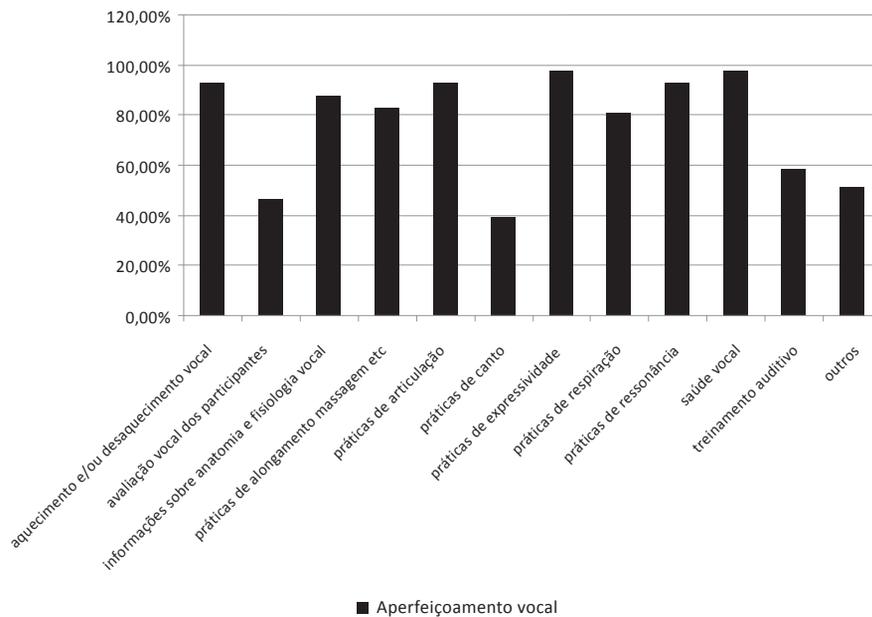
Quanto ao público-alvo das oficinas, é interessante notar que 59 (98%) entrevistados referem dirigir ações aos profissionais da voz, e apenas 16 (26%) com a população em geral, embora o objetivo mais referido tenha sido a promoção do bem-estar vocal. Quanto à faixa etária, 59 (98%) entrevistados dirigem oficinas voltadas aos adultos, enquanto 18 (30%) referem trabalhar também com adolescentes e apenas 14 (23%) com crianças.



**Figura 2 – Distribuição das técnicas segundo objetivo de promoção de saúde vocal**



**Figura 3 – Distribuição das técnicas segundo objetivo de prevenção de alterações vocais**



**Figura 4 – Distribuição das técnicas segundo objetivo de aperfeiçoamento vocal**

As Figuras demonstram que, independentemente do objetivo da oficina, as práticas mais amplamente utilizadas são aquelas que privilegiam

as noções de bem-estar vocal, seguidas por técnicas de expressividade e de aquecimento e desaquecimento vocal.

No entanto, observa-se que as abordagens que incluem a expressividade vocal são privilegiadas com o objetivo de aprimoramento vocal (59, 98%), e também estão associadas ao objetivo de promoção da saúde, mencionadas em 92% dos casos, por 55 entrevistados. Isto posto, e, considerando ainda, que o principal público alvo das oficinas de voz é composto por profissionais da voz, entende-se que os profissionais da área, cada vez mais, passam a incorporar a expressividade como parte integrante da saúde da voz, sendo que uma voz não seria considerada completamente saudável, se o sujeito não tiver conhecimento dos impactos da expressividade em seu exercício profissional.

Observa-se também que as noções de aquecimento e desaquecimento vocal são igualmente abordadas em oficinas com os três diferentes objetivos. Isso se justifica pelo fato de que 59 (98%) profissionais referiram realizar oficinas direcionadas a profissionais da voz.

Nota-se que a oficina de voz com o objetivo de aprimoramento vocal (Figura 4) é aquela que mais privilegia determinados aspectos em detrimento de outros. Nessa modalidade, observa-se que há claro domínio de utilização de técnicas de ressonância, expressividade e articulação, além dos aspectos igualmente privilegiados em todos os objetivos como noções de bem-estar vocal e aquecimento e desaquecimento vocal.

### Considerações finais

Nesta reflexão, enfatiza-se que o atendimento em grupo e a oficina são conceitos diferentes, embora ainda algumas vezes utilizados pelos fonoaudiólogos como sinônimos. É importante diferenciar esses termos, uma vez que a oficina não possui caráter clínico, e busca então, instrumentalizar o sujeito para o pleno uso dos recursos fundamentais para o desempenho de seu trabalho, nesse caso, a voz.

O enfoque educativo da intervenção fonoaudiológica permite a constituição do grupo e dos sujeitos no espaço e no tempo e de suas relações de identidade e pertinência referentes ao objetivo que se pretende alcançar.

Para subsidiar esse trabalho o fonoaudiólogo precisa refletir sobre a ação educativa como um processo de educação em saúde, e entender que os seus objetivos devem coincidir com a necessidade de transformação. Nessa vertente, pode-se buscar

na Educação, o trabalho desenvolvido por Zabala (1998). Embora este não tenha proposto, exclusivamente, princípios para uma atuação em grupo, sua obra nos auxilia nessa direção, pois está firmada na concepção construtivista da aprendizagem que a toma como um processo de construção pessoal, isto é, o sujeito é que atribui significado a um determinado objeto de ensino, sendo contribuinte com seu interesse e disponibilidade, bem como com seus conhecimentos prévios e suas experiências. Tal proposta permite que cada sujeito do grupo se torne também um multiplicador de conhecimentos pautados em atitudes de amplitude coletiva (Ferreira et al. 2007).

Pensar no atendimento em grupo, em qualquer uma das vertentes (terapêutica ou educativa), é considerar a complexidade de interagir com diferentes pessoas, conceitos, valores e culturas. Para o profissional responsável pela ação, é necessário ter a clareza de atender a demanda do grupo além de perceber cada sujeito como único e singular. Assim, é imprescindível que o fonoaudiólogo entenda que ao criar um espaço de oficina, e, portanto um grupo, com crianças ou adultos, ele também abre uma escuta para o qual precisa estar preparado, uma vez que é necessário compreender os processos da constituição e dinâmica grupal e considerar o significado simbólico e o contexto sócio-cultural dos envolvidos (Ferreira et al. 2007).

Em suma, de acordo com os relatos dos fonoaudiólogos que responderam ao questionário enviado, a prática de oficinas na área de voz vem privilegiando a prevenção de alterações vocais, e também a promoção de saúde, ao buscar o bem estar vocal e expressividade, primordialmente de adultos profissionais da voz.

### Referências bibliográficas

- Ferreira LP; Andrada e Silva, MA (org) Saúde Vocal: práticas fonoaudiológicas. Roca. São Paulo. 2002.
- Ferreira LP. Assessoria fonoaudiológica aos profissionais da voz. In: Ferreira LP, Befi-Lopes D, Limongi SCO (org) Tratado de Fonoaudiologia. São Paulo. Roca, 2004.
- Ferreira LP, Chieppe DC. Quando as práticas fonoaudiológicas são educativas. *Distúrbios da Comunicação* 17(1): 123-126, 2005.
- Ferreira LP, Giannini SPP, Chieppe DC. O trabalho em grupo na área de voz: considerações sobre a prática grupal. In: Santana AP, Berberian AP, Guarinello AC, Massi G. (org). *Abordagens grupais em fonoaudiologia: contextos e aplicações*. São Paulo: Plexus, 2007, p. 188-202.



Ferreira LP; Caraça EB; Almeida ACB, Andrada e Silva MA. Assessoria Fonoaudiológica: análise de um processo de construção entre o fonoaudiólogo e o teleoperador. *Distúrbios da Comunicação* 20(8): 2008.

Ferreira LP; Servilha EAM; Masson MLV, Reinaldi MBFM. Políticas públicas e voz do professor: caracterização das leis brasileiras. *Rev. soc. bras. fonoaudiol.* 14(1): 1-7, 2009.

Galletti MC. Oficinas em Saúde Mental. Instrumento Terapêutico ou Intercissor Clínico? Goiânia, Editora da UCG, 2004. Ghirardi MIG Representações da deficiência e práticas de reabilitação: uma análise do discurso técnico. [Tese] Instituto de Psico. USP. 1999.

Penteado RZ; Giannini SPP; Costa BCG. A campanha da voz em dois jornais brasileiros de grande circulação. *Saude soc.* [online]. 2002, vol.11, n.2 pp. 49-64.

Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-12902002000200005&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902002000200005&lng=pt&nrm=iso)  
Sousa Neto MF. O ofício, a oficina e a profissão: reflexões sobre o lugar social do professor. *Cad. CEDES* [online]. 2005, vol.25, n.66 [citado 2009-07-22], pp. 249-259. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-32622005000200007&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32622005000200007&lng=pt&nrm=iso).

Vilela FCA; Ferreira LP. A voz na clínica fonoaudiológica: grupo terapêutico como possibilidade. *Distúrbios da Comunicação*. 18(2): 235-243, 2006.

World Health Organization (WHO). Preamble to the Constitution of the World Health Organization. *Official Records of the World Health Organization*, no. 2, p. 100 disponível em: <http://www.who.int/about/definition/en/print.html>. Acesso em 17/11/2010.

Zabala A. *Práticas Educativas ? como ensinar*. São Paulo: Artmed; 1998.

**Recebido em maio/10; aprovado em julho/10.**

**Endereço para correspondência**

Ana Carolina A. M. Ghirardi  
Rua Nova York, 822 ap 91 – São Paulo – SP  
CEP: 04560-001

**E-mail:** [acghirardi@yahoo.com.br](mailto:acghirardi@yahoo.com.br)